

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos  
*Director de ELECTRICIDADE*

## Energia de Guiné-Bissau

Nunca estive em Guiné-Bissau. Nem nunca pensei lá ir. Talvez esta falta de interesse tenha resultado dos tempos da instrução primária, em que me obrigaram a decorar palavras estranhas para designar as suas ilhas ("Bijagós" sempre me arrepiou) e as suas populações ("papeis" era esquisito). Depois tinha que saber falar das suas riquezas agrícolas, com uma sequência de produtos desconhecidos (mandioca e cajú, ou talvez já me encontre a baralhar com outras terras africanas).

Compreende-se bem que os naturais desses territórios tivessem igual desconforto no estudo das serras ou rios e afluentes de Portugal, para não ir mais longe quanto à memorização das vias férreas de Norte a Sul do país. Naquele tempo, mesmo depois do meio do século XX, a geografia constituía uma disciplina fastidiosa, não só no conteúdo como na pedagogia praticada. Pelo menos para quem, como eu, revelava tendências para abraçar uma carreira técnica (proletário de nascença estava pre-destinado a ser serralheiro). Decorar palavras designativas sem qualquer ligação palpável à realidade quotidiana era, na verdade, um sacrifício, sobretudo para quem não se divertia (o que eu fazia!) a pronunciar em voz alta tão estranhas sonoridades morfológicas (como agora com Kumba Ialá).

Daí que nenhum relacionamento com as gentes guineenses me permita elaborar a mínima crónica pessoalizada. Nem o acaso das deambulações pelo mundo me proporcionou algum contacto inter-cultural: apenas retenho na memória a estranheza que um general de monóculo provocava no professor alemão que seguia os meus passos para o doutoramento. Profissionalmente, também não tenho para referir nenhuma contribuição à engenharia guineense. A bem dizer, da Guiné-Bissau apenas sei o que se lê nos jornais ou se vê na

televisão. Mas a revista *ELECTRICIDADE* não pode permanecer alheia às infraestruturas electrotécnicas em construção nesse espaço de fala portuguesa.

Principalmente num país em reconstrução total há muito a fazer. E os portugueses podem contribuir com desempenhos dignos de registo, já para não falar de outras contribuições no passado. Aos engenheiros electrotécnicos que produzem, venham a realizar ou tenham feito obras nessa terras africanas aqui fica a declaração de completa abertura à sua divulgação nesta revista. Ao contrário do que infelizmente pensa quem nos (des) governa, os feitos relatados em português não têm menos valor do que se os respectivos relatos forem escritos em inglês.

A central eléctrica da cidade de Bissau mal funciona desde o início do recente conflito interno que derrubou o presidente Nino Vieira (um histórico da guerra colonial contra Portugal, ao que parece transformado em ditador onipotente, após duas dezenas de anos de poder ineficaz). Dos seus três grupos geradores, apenas um se mantém em operação, à custa da boa vontade da EDP, certamente através da Internet, que lá vai fazendo a manutenção necessária por solicitação do Instituto da Cooperação Portuguesa.

Ainda bem que assim acontece. De facto, nesta situação de guerra civil há estranhas forças políticas em jogo, que não nos interessam basicamente (até porque são políticas e não físicas), mas que condicionaram muito os juízos tecnológicos eventualmente mais adequados em cada momento. Se observarmos em profundidade, tudo aquilo que as sociedades fazem resulta de princípios e directrizes políticas, numa primeira instância, e só depois se acomodam as várias iniciativas individuais (do tipo consultoria ou projecto de vida pessoal) e as acções agregadas

(tanto empresariais como institucionais). Quer dizer, a minha intervenção é implicitamente de segunda ordem.

Isso não me inibe de olhar para cima e ver o que se passa na instância de primeira ordem. No caso da Guiné-Bissau, os franceses acreditam ter ali um território à mão para espalhar a sua depauperada influência, pois a influência portuguesa encontra-se ainda mais depauperada (a partir do dia em que ficou de pau parada). A França, segundo dizem, procura usar o pau naquela região, é claro, com medidas cautelosas.

Deste modo, a promessa francesa de reparar os dois grupos electrogéneos avariados na cidade de Bissau não se cumpriu com a insurreição da Junta Militar, capitaneada por Ansomane Mané, ex-colaborador e amigo de Nino Vieira, porquanto a mudança de regime contrariou a tendência hegemónica francófona. Parece que as "curas" de Vieira em Paris têm a ver com o seu regresso ao poder, numa "engenharia de cooperação" bastante subtil, onde se inclui a "cura" plena da central eléctrica da capital daquele país enfermo. Será verdadeira tamanha (in)gratidão?

Entretanto, a "cooperação para o desenvolvimento" dos portugueses permanece alheia à importância do fornecimento de energia eléctrica a uma cidade que quer emergir da escuridão a que a infantilidade política do novo país a lançou. É incrível que não se consigam quinze mil contos para reparar o sistema electroprodutor avariado em Bissau, a fim de pôr em marcha uma sociedade que possa auto-construir o seu futuro — com base na energia eléctrica, sinónimo das condições mínimas de vivência na modernidade.

É nestas circunstâncias concretas que se pressente o alto significado de uma rede eléctrica com qualidade de serviço para o desenvolvimento societal.

Sem energia eléctrica permanente e que responda às exigências do consumo não é possível pensar na utilização dos equipamentos disponíveis para comunicar, gerir, iluminar, produzir, conviver e evoluir. A pessoa humana ficará num estágio primitivo, impotente, sem meios de acção, desagregada do mundo, isolada pela ignorância do progresso civilizacional. Os valores alteram-se para níveis de baixo potencial, a dinâmica económica reduz-se a lentas constantes de tempo, os processos criativos estagnam, as crises sociais recrudescem e o caos instala-se rente à terra.

Afinal, um prognóstico tão feio e evitável por tão pouco dinheiro. Somente quinze mil contos. E a força aí estaria. Pronta a romper com a desgraça. Através de uma gestão equilibrada dos dinheiros e do combustível, das fontes e dos sumidouros, das riquezas e das maleitas. A engenharia faz muita falta a um país em reconstrução como é a Guiné-Bissau. E pela nossa presença secular naquela costa de África cumpre-nos responder solidariamente com os recursos que dispomos, desde a educação, à saúde, às obras públicas, às telecomunicações e às infraestruturas energéticas.

Vale a pena recuperar duas instalações termoeléctricas que foram bombardeadas pela incompreensão humana. Justifica-se a recuperação de duas barragens destruídas pelos comandos da luta fratricida. Um país que não aproveita os seus recursos energéticos desperdiça o principal capital do seu desenvolvimento. Os homens que não sabem potenciar o futuro com energia não escolhem o melhor rumo para o seu próprio percurso. E as ajudas que desprezam a criação de vitalidade energética são paliativos até surgirem recaídas mais graves. **LE**